



SOZINHOS EM CASA

Margarida Fonseca Santos
Maria João Lopo de Carvalho

O	F	I	C	I	N	A
D	O	L	I	V	R	O



Segunda-feira, 9 de julho, de manhã

– O que é isso, mana? Puseste aí um M, é o meu nome.

A Maria parou por instantes de escrever, pegou na mais nova ao colo e sentou-a nos joelhos em frente ao ecrã do computador.

– É um M, sim, Madalena, mas acontece, como já te disse mais de mil vezes, que cá em casa todos nós temos um nome começado por M, por isso não quer dizer que se esteja a escrever sobre ti, percebes?

– Mas estás, Maria que eu sei, o meu nome é essa última palavra aí, o mais comprido de todos: «MADALENA» tem oito letras, foi o que disse o Manel, ninguém tem um nome tão grande...

A Maria não pôde deixar de se rir. Era óbvio que a irmã já reconhecia o nome dela, e de facto a última palavra que escrevera fora «Madalena». A irmãzinha, que tanto trabalho lhe dera, era cómica de verdade. Bastava olhar

para ela para ser difícil conter um ataque de riso. Naquela manhã de julho, a Madalena trazia vestida uma *T-shirt* do Miguel do Desportivo de Nabais que quase lhe chegava aos pés e, para combinar, umas pantufas das Winx. Como era evidente, não combinavam nada bem com a *T-shirt*, dez números acima do seu.

– Dormiste com essa *T-shirt*, Madalena? Onde é que está a tua camisa de dormir das Winx, igual às pantufas?

A mais nova encolheu os ombros, enquanto pousava a cabeça no ombro da Maria, chuchando no dedo polegar.

– Não sabes, é isso? E não achaste nada melhor do que ir ao quarto do Miguel buscar essa camisola do futebol?

– Não fui ao quarto do Miguel – disse a Madalena, tirando o dedo da boca –, fui ao cesto da roupa suja...

Dando um pulo na cadeira, a Maria gritou:

– Tu não fizeste isso, Madalena, não foste buscar uma *T-shirt* nojenta do Miguel ao cesto da roupa suja!

A mais nova acenou com a cabeça, fingindo não perceber que a irmã estava mesmo zangada.

– Que nojo, mas que nojo! Tu não sabes que o Miguel sua imenso nos treinos, tu não vês que é uma porcaria, Madalena? Porque é que não me disseste ontem? Quer dizer que dormiste como esse nojo enfiado? Mas tu tens juízo?

A Maria pousou a irmã no chão e saiu da sala em passo de corrida. Entrou no quarto das mais novas, dando graças a Deus por aquele ser o antepenúltimo dia

do «sozinhos em casa». Abriu uma gaveta, o que provocou um resmungo de desagrado da Margarida, e verificou que não havia lá dentro qualquer camisa de dormir lavada. Uma ruga desenhou-se-lhe na testa: a quem cabia arrumar a roupa nas gavetas? Voltou a fechá-la, saindo do quarto e fechando a porta sem ruído. De seguida, foi conferir as tarefas escritas pela Mónica no quadro que tinha sido afixado na cozinha: «9 de julho – engomar e arrumar roupas de casa e roupa pessoal: Mariana.»

«Óbvio... já se sabia, só podia ser a Mariana», pensou. Aquilo não ia ficar assim. Se a Madalena tinha feito mal em ir ao cesto da roupa suja, a Mariana tinha feito pior por não ter cumprido, na véspera, a tarefa que lhe fora destinada. Já irritada, a Maria irrompeu pelo quarto da Mariana e da Mónica adentro.

– Mariana! – gritou ela. – Mariana! Acorda, e é já!

Mas a única voz que se levantou foi a da Mónica:

– Estás possuída, Maria! Estamos em férias, são nove da manhã...

– Dorme e está calada, a conversa não é contigo mas sim com a trinta diabos!!! Mariana! – insistiu, afastando-lhe os lençóis. – Levanta-te imediatamente, ou já te esqueceste de que não cumpriste a tua tarefa de ontem? **MARIANA!!!**

Como não houvesse qualquer reação, a Maria acendeu a luz clicando no interruptor de parede, o que causou um novo grito estridente da Mónica.

– Enlouqueceste? Só pode!

Como resposta, só um novo grito da Maria:

– A Mariana desapareceu!

– Desapareceu? Como assim? – A Mónica sentou-se na cama, estremunhada. – Ela ontem deitou-se à mesma hora que eu, bem cedo por sinal...

Não foram precisas mais explicações. Bastou um olhar rápido para a cama da Mariana: um travesseiro vestido com o pijama da gémea fazia as vezes de si própria bem aconchegada nos lençóis.

– Só me faltava isto!!! – explodiu a Maria, deixando-se cair em cima da cama vazia. – Os pais chegam depois de amanhã às sete da tarde e, logo hoje, a Mariana decide desaparecer sem deixar rasto.



Domingo, 1 de julho

– Menina Maria, menina Maria...

– O que foi, Alice, porque é que estás assim?! –
A Maria, ainda estremunhada, sentara-se na cama ao ver os olhos de choro da Alice. – Então...?

– Ai, estou aqui numa aflição! – As lágrimas voltavam.
– A minha irmã teve um ataque de coração, Maria, está para lá sozinha no hospital. Eu bem lhe disse que ela não devia estar assim longe de toda a gente, agora como é que eu faço isto?

A Maria obrigou-a a sentar-se ao lado dela e abraçou-a com ternura. Sabia que a família se reduzia às duas, pois os filhos da Fernandita, a irmã da Alice, viviam em França há muitos anos. Calculava a preocupação que afligia a sua querida Alice – a Fernandita tinha mais dez anos do que ela! Os soluços iam e vinham.

– E corre perigo, Alice?

– Não, parece que não, mas não consigo sossegar. Telefonaram do hospital, falei com uma médica muito simpática.

Diz que o pior já passou. Foi ontem à noitinha, imagine, e eu a dormir que nem uma santa!

– Não podias adivinhar, ora essa.

– É a minha irmãzinha – disse a Alice, de novo a chorar.

A Maria ficou a pensar, e por fim perguntou:

– Ouve uma coisa, não era melhor ires para lá?

– A menina enlouqueceu?! Os paizinhos só voltam daqui a muitos dias, não posso deixar os meninos sozinhos!

– Claro que podes! O mais importante agora é apoiar a tua irmã, é ou não é verdade?

Um encolher de ombros desesperado foi a resposta que a Alice conseguiu dar naquele instante.

– Anda daí, vamos ver os horários das camionetas.

Levantando-se sem hesitar, a Maria arrastou a Alice até ao computador e começou a pesquisar as várias hipóteses de chegar a Vila Nova de Cerveira.

– Não faça isso, Maria, eu não vou deixá-los aqui entregues a...

– Entregues a mim, que já sou crescidinha, ou já te esqueceste que, durante todo o ano, eu me oriento completamente sozinha lá em Lisboa? E o Miguel chega daqui a uns dias. A Mónica ajuda-me de certeza, e estamos todos habituados a tratar das coisas.

– A menina não sabe o que está a dizer... Já se imaginou a cozinhar para sete?

– Então, é fazer o que faço para mim vezes sete, certo?

– E comprar a comida, e as limpezas...?

– Os pais não deixaram dinheiro na caixinha?

– Deixaram, mas é para gastar com moderação, a menina...

– Sei muito bem poupar dinheiro, acredita! E as limpezas não são um bicho de sete cabeças, pois não?

– Os meninos...

– Os meninos vão ter de se desenvencilhar, não te preocupes.

– Ai, a menina não sabe o que está a dizer...

A Maria virou-se para a Alice e sentenciou:

– Chega. Vais e vais mesmo. Olha aqui – pediu, virando-se para o ecrã do computador. – Se fores na camioneta das dez, chegas a Lisboa muito a tempo de apanhar o comboio; até parece que foi pensado para conseguires lá chegar ainda hoje!!! Pensei que ia ser mais difícil, por ser domingo.

– Os seus paizinhos...

Com um gesto autoritário de mão, a Maria pediu-lhe que se calasse. Já estava a enviar uma mensagem aos pais, contando as mudanças de planos. Ainda hesitou, pensando se não seria melhor não lhes contar nada, mas aí teria muita dificuldade em pôr a Alice na camioneta. Estava decidido! Três minutos depois de enviar a mensagem, recebeu uma resposta da mãe, que rematava com um «Achas mesmo que consegues?», à qual respondeu com um «lol», seguido de uma recapitulação da idade de todos. Já não havia forma de travar o processo.

Empurrou a Alice até ao seu quarto, para que fizesse as malas num instante – a camioneta partia dali a precisamente quarenta e oito minutos, não havia tempo a perder. Enquanto isso, foi acordar a Mónica e a Mariana. Precisavam de combinar tarefas e regras, tinham de prever tudo, mas mesmo tudo, para que nada falhasse.

Quando, às dez em ponto, a camioneta arrancou, a Alice resolveu pôr-se a rezar – mal não iria fazer, e talvez ajudasse os seus meninos a sobreviver durante nove dias...

– Que nojo! – gritou a Mariana. – Nem penses que vou lavar casas de banho...

– Vais, vais – confirmou o Manuel, não lhe dando espaço de manobra. – As tarefas são para ser cumpridas por todos. Só escapa a Madalena, para não termos de fazer o que ela estragou...

– Eu sei! Eu sei fazer! – resmungou a mais nova. – Posso, Maria, posso?

– A Mónica ajuda-te, ciganita, anda cá...

– Não! É a Maria! – respondeu a Madalena, afastando de si a Mónica que, incrédula, a via preferir a Maria, deixando-a de lado.

– Olha-me esta sirigaita...! Já não gostas de mim, é?

A Madalena hesitou um pouco, e acabou por responder:

– Gosto, mas vou fazer tudo com a Maria...

– Mónica, estás fora de combate – avisou a Mariana.

– Destronada! Vá, façam lá isso de maneira a que eu não tenha de lavar as casas de banho.

– Todos vão lavar tudo! – sentenciou a Margarida, embora preferisse que também a ela aquele tormento em concreto não lhe viesse parar às mãos.

O esquema de tarefas já tivera três versões. A primeira, elaborada sobretudo com a ajuda da Mariana, fora um descabro de injustiças. A segunda, não contando com o Miguel, que chegaria na quarta-feira, deixava-o de férias, e ninguém queria isso. A terceira sofrera um «afogamento», já que a Madalena entornara o leite em cima de tudo.

Os papéis amarrotados e as canetas de cor ocupavam por completo a mesa da sala. Uma cor por irmão. Todos, à exceção do Miguel, que ainda nem sabia o que o esperava, queriam ter a certeza de que a divisão era justa, embora no caso da Mariana isso fosse uma impossibilidade, já que ela teria de trabalhar imenso todos os dias. Afinal, tratar de uma família grande e de uma casa, onde havia uma irmã minúscula de quatro anos e um cão maluco, estava longe de ser simples. O engraçado é que todos, sem exceção, pareciam encarar aqueles nove dias como um jogo, e estavam mesmo a achar graça ao que era preciso fazer.

– Vamos lá então outra vez – recomeçou a Maria. – Compras; limpar o pó; aspirar; cozinhar; dar banho à Madalena; dar banho ao *Mister*... Vamos dar banho ao *Mister*?

– Tem de ser, pelo menos antes de os pais chegarem – disse a Margarida, fazendo um gesto elucidativo com a mão, como quem afasta o mau cheiro do nariz. – Pode ser na véspera. A Mónica dá, tem mais jeito, e ele não lhe morde tanto.

– Não me importo, mas não lavo a casa de banho a seguir...

– Vá, eu lavo nesse dia, podes pôr-me aí – ofereceu-se o Manuel, aliviando um pouco os esgares de nojo. – Mas nesse dia não aspiro, que ele põe-se a correr por todo o lado e fica tudo cheio de pelo.

– OK, aspiro eu – ofereceu-se a Maria. – E as lavagens de roupa? E passar a ferro?

– Passar a ferro?! – A Margarida estava chocada. – Esticamos tudo muito bem e guardamos tudo direitinho...

– É o que eu faço em Lisboa – confessou a Maria –, mas oiço sempre ralhetes quando cá chego.

– Passamos a ferro nos últimos dias – sugeriu a Mónica. – Não se esqueçam é de ir usando sempre a roupa não passada, OK? Senão, somos logo apanhados... Já estou a ouvir a mãe a refilar...

– Mudar as camas – disse a Maria. – Que grande seca!

– Eu voto em mudar mais vezes de pijama e só fazer as camas de lavado nos últimos dias – aconselhou o Manuel. – Não vos parece boa ideia?

– Está a sobrar muita coisa para os últimos dias – lembrou a Mónica –, vai ser horrível...

– Não faz mal – argumentou logo a Mariana –, desde que não nos apanhem...

– Arrumar a roupa nas gavetas, já nos esquecíamos!
– E a Maria acrescentou mais uma coluna à divisão de tarefas. – Agora sim, podemos começar a ver quem faz o quê. O banho do *Mister* já está... aspirar no último dia também... Casa de banho...

E as discussões recomeçaram de imediato. Uns achavam um exagero lavar as duas casas de banho todos os dias, outros diziam que podia ser só uma vez por semana, mas a Maria impôs a sua ideia – seria uma tarefa diária, bem como passar com a esfregona na cozinha depois de arrumada. A Madalena implorou para ser ela a fazer isso, e os irmãos deixaram. Não teria qualquer hipótese de cumprir: ao almoço estava na escola e ao jantar já estaria podre de sono. Em letras pequeninas, ficaram os nomes dos verdadeiros tarefeiros!

Olhando agora para o quadro, tudo parecia bem distribuído. Ficara bem engraçado, assim todo às cores! Havia ainda colunas para quem fazia as refeições, sempre supervisionadas pela Maria, quem arrumava a cozinha, quem punha e levantava a mesa, se bem que essa tarefa já tivesse dias certos há muito tempo, e quem ficava responsável por dar de comer ao *Mister*, bem como quem o iria passear. Como a Madalena ainda ia ao jardim-escola, as duas irmãs mais velhas logo decidiram que a Maria a levaria de manhã bem cedinho, e a Mónica a traria, à tarde. E era também a

Mónica que, na qualidade de governanta, tinha a palavra final na divisão das tarefas.

– Quero ficar em casa – resmungou a Madalena.

– Não pode ser, ficas burra – avisou logo a Mariana.

– Se não fores à escola, ficas com o cérebro feito em flocos com leite, burra para sempre!

– É, Maria? É...?

– Mais ou menos – explicou a Maria, imaginando como seria tê-la em casa a toda a hora. – É melhor ires, para seres inteligente como o Manuel, boa?

– Sim!!! – respondeu a Madalena, feliz, agarrando-se às pernas da Maria.

– Estou fora de combate – percebeu a Mónica –, a ciganita deixou de gostar de mim...

Os irmãos riram-se dela, mas a Madalena nem por um segundo largou a Maria.

– Há uma regra que todos têm de aceitar – avisou por fim a Maria. – O dinheiro da caixinha é gerido só por mim, está compreendido?

– Ditadora – gozou a Mónica. Depois, continuando a brincadeira, acrescentou: – Acho bem, se faltar, pões do teu.

Nova onda de risos – não era bem isso que a Maria queria!
